

MARIA, ESTRELA DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DE *EVANGELII GAUDIUM* E *LUMEN GENTIUM*

Me. Aline Amaro da Silva*

Resumo

Maria, Mãe da Evangelização é o título que Papa Francisco dá à última seção da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Francisco chama a Virgem a estar presente nessa nova empreitada missionária da Igreja e afirma: “sem Ela, não podemos compreender o espírito da nova evangelização” (EG, n. 285). Maria é exemplo de pessoa bem-aventurada que acolhe a Palavra de Deus e a encarna na sua vida. Ela está presente em todos os momentos marcantes da vida de Jesus, dos apóstolos e, portanto, da Igreja. Não é por acaso que o documento mais importante do Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, dedicou seu último capítulo à Virgem. A partir de um estudo comparativo destes dois documentos, a pesquisa pretende mostrar Maria como modelo de pessoa evangelizada, com uma fé bem formada, e evangelizadora, sua experiência de Deus transborda em testemunho que ilumina e arrasta aos demais. Esta comunicação terá como base, além do estudo comparativo sobre a Virgem na *Evangelii Gaudium* e na *Lumen Gentium*, a obra “Maria, evangelizada e evangelizadora”, de Carlos I. Gonzáles (1988).

Palavras-chave: Maria; nova evangelização; Igreja; *Evangelii Gaudium*; *Lumen Gentium*.

Introdução

O título de Maria “Estrela da Evangelização” foi utilizado por Paulo VI na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* e foi retomado por Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Entretanto, Nossa Senhora da Evangelização está presente na América Latina desde o início das missões evangelizadoras e colonizadoras.

A primeira imagem de Nossa Senhora dedicada à evangelização latino-americana foi presente do imperador espanhol Carlos V à recém estabelecida diocese de Lima por volta do ano de 1540. É, portanto, uma das imagens mais antigas da região a receber culto. A imagem de Nossa Senhora da Evangelização permanece até hoje na catedral de Lima e esteve presente nos principais eventos eclesiais da América Latina. O título “da Evangelização” foi dado à virgem recentemente na celebração do aniversário de 450 anos da diocese de Lima (PORTAL A12, 2013).

Algumas paróquias no Brasil são dedicadas à Nossa Senhora da Evangelização. Em Porto Alegre, a imagem e devoção à Nossa Senhora da Evangelização existe há cerca de 30 anos na Paróquia São Martinho. Pensar teologicamente este título mariano teve como inspiração a comunidade portoalegrense chamada Fraternidade Nossa Senhora da Evangelização. Criada por um sacerdote missionário húngaro, Padre Ladislau Molnár, com apoio do leigo gaúcho e

* Aline Amaro da Silva é jornalista, mestra e doutoranda em teologia pela PUCRS. Atua na formação teológica e comunicacional de catequistas e evangelizadores e é missionária leiga da Fraternidade Nossa Senhora da Evangelização. Site: <alinearodasilva.com>. Contato: aline.amaro@acad.pucrs.br.

economista, Dr. Reinaldo Ignacio Adams. Assim como Maria, a comunidade tem por carisma ser sinal visível da presença viva, amorosa e misericordiosa de Jesus hoje no mundo, e por missão evangelizar os cinco continentes.

O objetivo desta comunicação é refletir sobre a dimensão evangelizadora da Virgem Maria à luz da visão de dois importantes documentos eclesiais: a constituição dogmática *Lumen Gentium* e a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Embora estes documentos tratem o tema mariano de maneira periférica, eles vão nos ajudar a redescobrir em Maria o modelo de mulher evangelizada e evangelizadora.

1 Maria na *Evangelii Gaudium* e na *Lumen Gentium*

O Concílio Vaticano II foi uma primavera na Igreja cujas flores e frutos ainda estamos colhendo. Hoje com o Papa Francisco, estamos vivendo novamente um momento de grandes transformações. O Concílio destacou-se pela reconciliação e diálogo com a modernidade. As reformas de Francisco buscam corresponder a um mundo hipercomunicativo e, paradoxalmente, hiperindividualista. Embora a *Lumen Gentium* seja uma constituição dogmática, ela tem uma preocupação pastoral característica do Concílio. As impressões de Paulo VI deste grande marco na Igreja vão suscitar a elaboração da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* que aprofunda o tema da evangelização.

É notável que um dos principais alicerces do catolicismo que garantiu a sua sobrevivência até hoje, passando por tantas guerras, culturas e sistemas ideológicos, foi a devoção mariana que perdura através dos séculos. Em especial, na América Latina, a piedade popular mariana é traço cultural destes povos, graças as diversas aparições e experiências místicas com a Virgem. A ideia de aproximar os documentos “Alegria do Evangelho” e “Luz dos Povos” sob o ponto de vista de Maria tem o objetivo de não perder de vista a luz da “Estrela da Evangelização” para que ela continue guiando o povo de Deus peregrino na história até a alegria do encontro definitivo com Jesus Cristo.

Vamos analisar estes documentos sobre três categorias encontradas em ambos os documentos: Maria como tipo da Igreja (a primeira e mais excelsa cristã, evangelizada e evangelizadora), Maria como mãe da evangelização e Maria na piedade popular (modelo de evangelização inculturada).

1.1 *Maria como tipo da Igreja*

A partir do Concílio Vaticano II, o estudo mariológico procurou definir melhor que tipo de relações devem ser estabelecidas entre Maria e a Igreja. Maria é ao mesmo tempo a primeira integrante da Igreja histórica e mãe da Igreja; símbolo da Igreja como virgem mãe e sinal da esperança escatológica por já receber os méritos de Cristo, tipo da Igreja como primeira seguidora de Jesus (GONZÁLEZ, 1988, p. 304).

Na *Lumen Gentium*, os padres conciliares definem no início do capítulo as razões pelas quais escreveram sobre Nossa Senhora num documento de caráter exclusivamente eclesial: “o sagrado Concílio [...] pretende esclarecer cuidadosamente não só o papel da Virgem Santíssima no mistério

do Verbo encarnado e do Corpo místico, mas também os deveres dos homens resgatados para com a Mãe de Deus” (LG, n. 54). O Concílio deixa claro o vínculo entre Maria, arca da nova aliança, e a Igreja, corpo místico de Cristo.

Enquanto a *Evangelii Gaudium* ressalta alguns aspectos sobre Maria como modelo da Igreja e de evangelizadora, principalmente no seu aspecto materno, a *Lumen Gentium* faz um apanhado geral sobre os principais momentos de Maria nas Escrituras. O documento conciliar busca também reafirmar os dogmas marianos.

Em relação à maternidade de Maria, o Concílio distingue dois pontos da sua vocação: a maternidade física e a maternidade espiritual. Como a encarnação do Verbo não era restrita para si, mas em vista da missão messiânica e libertação da humanidade, a maternidade de Maria tem um caráter messiânico. Sendo assim, Maria participa da obra redentora pelo chamado do Pai e pelo pedido do Filho na cruz que ela desse continuidade, através do Espírito Santo, ao que ele havia iniciado: a Igreja. Portanto, a maternidade de Maria não é parcial, mas integral, que visa educar e cuidar inteiramente de Jesus, formando a sua consciência e a sua fé israelita (GONZÁLEZ, 1988, p. 305-307).

Na *Evangelii Gaudium*, Papa Francisco fala de uma Igreja em saída como uma comunidade/família que sabe tomar a iniciativa, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar (EG n. 24). Compara-a a uma mãe de coração aberto (n. 46), à casa de portas sempre abertas do Pai que espera o retorno dos filhos (n. 47). Difícil não vislumbrar na descrição da Igreja almejada por Francisco a figura de Maria, de uma mãe dedicada que vive pelos filhos e para os filhos, que muitas vezes se descuida um pouco da própria imagem para dar toda a assistência necessária àquele filho às vezes doente ou perdido:

[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos (EG, n. 49).

As imagens mais recentes de Nossa Senhora da Evangelização têm em comum algumas características que se afinam com a atitude que Francisco espera da Igreja: Maria está em movimento, caminhando, ela se põe a caminho em busca de seus filhos e ela carrega em uma das mãos a Palavra de Deus. A enfermidade que Francisco fala é muito atual, quantas pessoas hoje não querem ter filhos para não se preocuparem, não se sujarem, não saírem da zona de conforto. A Igreja não pode cair na cultura do individualismo, sua preocupação não deve consistir em sua manutenção, autorreferencialidade ou sobrevivência, mas nosso empenho deve se focar nos irmãos “que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG, n. 49).

1.2 *Maria, mãe da evangelização: a primeira evangelizada e evangelizadora*

Tem uma expressão na *Evangelii Gaudium* (n. 24) que Francisco cunhou e que deveria ser atitude frequente dos cristãos – “primeirear” – que significa tomar a iniciativa. Esse neologismo se aplica totalmente a Maria, ela foi a primeira a tomar a iniciativa em muitas coisas. A primeira a aceitar e acolher o Verbo Divino e o plano salvífico de Deus, a primeira a trazer o eterno para o

tempo. Por isso, o sim de Maria não é mera transformação singular, mas atinge todo o cosmos (GONZÁLEZ, 1988, p. 81).

Em relação ao seu papel evangelizador, ela é vista como exemplo de fé, pois é aquela bem-aventurada que acreditou. Em vista de Cristo, Maria é a primeira entre as mulheres e os homens a receber a redenção e a ser conservada da mancha do pecado original, portanto, a primeira evangelizada a receber o anúncio e a realização da boa nova. “É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, [...] se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação” (LG, n. 55).

Maria é a nova Eva, a primogênita de uma nova humanidade redimida. Ela também foi a primeira cristã e a primeira a optar por viver a virgindade pelo Reino de Deus. “O corpo de Maria (não isolado, mas como mediação de toda a sua pessoa) está totalmente a serviço dessa Palavra criadora: o sentido de sua virgindade é ser sinal da ação exclusivamente divina” (GONZÁLEZ, 1988, p. 87). A fé de Maria é mais importante do que sua maternidade que é consequência dessa fé. Como Mãe da fé, Maria é na Nova Aliança tudo o que Abraão representou para a Antiga (GONZÁLEZ, 1988, p. 73-77).

“Eis a raiz da Mariologia: Deus lhe pediu, por meio de seu mensageiro, que aceitasse ser a Mãe do Filho de Deus [...]. O fato de naquele momento ela não conhecer plenamente a “ontologia” de seu Filho nada tira de sua total entrega pela fé ao pronunciar seu “Fiat”. Um “Fiat” como o de seu pai Abraão, que partiu da própria pátria por confiar em Javé, mesmo sem saber qual seria o fim [...]. Maria também devia seguir seu itinerário de fé, que chegou ao clímax na escuridão do Calvário (cf. RM 5. 15.19). Trata-se de uma fé de encontro pessoal com Deus, na carne do Filho; por isso Maria é a primeira cristã” (GONZÁLEZ, 1988, p. 88).

A anunciação é a fonte de onde brota a missão de Maria: “uma maternidade que engloba conscientemente toda a pessoa messiânica do Salvador” (GONZÁLEZ, 1988, p. 323). O chamado de Maria é único, irrepetível e excelso na história da salvação. No entanto, é importante frisar que a missão de Maria, assim como a de cada cristão chamado pelo Pai a atuar na Igreja, é totalmente dependente e subordinada à de Cristo.

Em contrapartida, sem Maria, o cristianismo se desumanizaria, tornaria-se pura especulação ideológica e espiritualista, pois o Evangelho desencarnaria e a Igreja transformaria-se em uma instituição sem alma (GONZÁLEZ, 1988, p. 308). Por isso, no nosso tempo, há um abandono geral não tanto da fé, mas das instituições eclesiais. O que as pessoas esperam da Igreja é que esta seja um lugar repleto de calor humano, como o regaço acolhedor da mãe. Onde as pessoas encontram este alto grau de vida e humanidade, elas permanecem.

Impossível contar em quantas casas do mundo existe ao menos uma imagem de Maria Santíssima. Antes da era do Facebook, a imagem de Maria já representava uma presença virtual da Mãe de Deus, isto é, uma presença potencial, que traz à tona uma possibilidade de encontro espiritual e real. Agora nas redes sociais, as pinturas e ícones de Maria se multiplicam nas telas e nas vidas dos cidadãos digitais. Os terços, as ladainhas, as novenas, as velas e orações antes realizadas no interior de uma capela, hoje são manifestos num ambiente desterritorializado para quem quiser acompanhar. Mas por que a figura de Maria continua chamando a atenção de fiéis e infiéis?

Maria é presença e imagem que evangeliza. Todo o ser humano necessita de uma mãe. Num tempo de fragmentação da família e dos laços sociais, um aspecto importante da evangelização é a importância do evangelizador criar um vínculo profundo com o evangelizado, a ponto de ser uma figura do amor materno e paterno de Deus. É preciso aprender de Maria a se conectar com a vida de carne e sangue, suor e lágrimas das pessoas. As atitudes de Maria nadam contra a corrente da cultura do provisório e quebram os grilhões do individualismo, do medo, do ódio, da indiferença. A devoção mariana demonstra o anseio da humanidade por este amor incondicional materno que só se pode encontrar de forma plena na familiaridade do lar trinitário.

Maria é evangelizadora porque, em primeiro lugar, participou historicamente no papel de Mãe no início da Igreja, segundo, porque é modelo e figura da Igreja, e ainda, pelo seu testemunho de vida evangélica (GONZÁLEZ, 1988, p. 334). Imbuído dessa compreensão, Paulo VI a chama de “estrela da evangelização” (EN, n.82), Com isso, Paulo VI quer demonstrar que a evangelização não se reduz ao uso de técnicas, mas é sobretudo o testemunho de uma vivência autêntica do Evangelho que faz a diferença na vida dos demais. Sendo assim, Maria é a primeira e a mais eficaz evangelizadora. (GONZÁLEZ, 1988, p. 335).

1.3 *Piedade popular: Maria, estrela da evangelização inculturada*

Um dos objetivos que a LG refletiu sobre Mãe de Deus é para mostrar como seria a verdadeira devoção à Maria Santíssima. Nesse sentido, o documento exorta que o fiel não pode estacionar numa espiritualidade emotiva que no fundo torna-se estéril e transitória, mas a piedade mariana deve impulsionar o crente a viver à altura da proposta evangélica (GONZÁLEZ, 1988, p. 314). Na imitação de Maria encontramos a chave para uma verdadeira prática cristã e espiritualidade mariana.

A oração do Rosário é uma riqueza da tradição mariana. Este, se bem meditado, é instrumento de evangelização, formação e experiência de Deus. O Rosário, criado por São Domingos, era originariamente, uma catequese com Maria, uma profissão de fé em forma de oração. Além disso, é uma síntese das principais formas de oração: louvor, súplica, contemplação e diálogo com o Pai. Ele ajuda-nos a contemplar todo o mistério da vida de Cristo e da redenção do mundo, tornando-o presente hoje. A meditação do sim de Maria também auxilia na abertura do nosso coração à Aliança com Deus. (GONZÁLEZ, 1988, p. 349-351)

Um importante fenômeno da fé sempre presente nos santuários marianos é a experiência do peregrino. Os seres humanos peregrinos no itinerário da fé necessitam de sinais que indiquem o caminho que queremos seguir. Os santuários são estes “sinais da presença da Igreja” (p. 356). A popularidade dos santuários marianos deve-se ao fato de que Maria é o ícone da Igreja, modelo de toda a vida cristã. Sendo assim, o povo de Deus que acorre aos santuários marianos deve se sentir no aconchego da casa do Pai, pois uma boa acolhida evangeliza mais que mil pregações.

Conclusão: O silêncio que comunica a vida

Numa época que tantas vozes se elevam, que há tanta poluição visual, informativa e sonora, o silêncio de Maria se torna eloquente, vale mais do que milhares de imagens e palavras que a web

nos oferece. O silêncio tem infinitos significados, nós conseguimos captá-lo de acordo com a situação que vivenciamos.

A presença silenciosa, porém, decisiva de Maria nos momentos cruciais da vida de Jesus mostram a força de seu exemplo, de seu testemunho, de sua vida espiritual. O silêncio de Maria expressa aquilo que é de mais importante para evangelizar ontem, hoje e sempre: uma presença que transforma, uma vivência interior que reflete no seu semblante, num olhar compreensivo, num segurar firme, num permanecer em pé enquanto tudo desaba, na Palavra encarnada em ações, que suporta a dor e dá suporte a quem sofre, que permanece fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até o último suspiro de Jesus, até depois da sua morte, e ainda permanece com os apóstolos e sustenta a missão com a força de sua oração. Desse modo, Maria é ícone de comunicadora do Evangelho.

Neste ano mariano em que comemoramos os 300 anos de Nossa Senhora Aparecida, percebemos como Maria é estrela que ilumina o caminho para Jesus, guia os seus filhos para mais perto do encontro com o Senhor que transforma a vida e convida a todos os seres humanos a entrar em comunhão com Deus e entre eles. Como mãe e rainha, congrega os homens com o desejo de formar uma só família em Cristo. Por isso, Maria é estrela da nova evangelização.

Referências:

- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 07 de dez. de 2017.
- GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *Maria evangelizada e evangelizadora*. Bogotá: CELAM, Loyola, 1988.
- PAULO VI. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Roma, 1964. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 07 de dez. de 2017.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. Roma, 1975. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 07 de dez. de 2017.
- PORTAL A12. *Nossa Senhora da Evangelização*. 10 de jan. de 2013. Disponível em: <<http://www.a12.com/academia/titulos-de-nossa-senhora/nossa-senhora-da-evangelizacao>>. Acesso em: 07 de dez. de 2017.